

Sustentabilidade Cultural: uma reflexão sobre o paradoxo existente nos encontros turísticos¹

Thomas Gomes Sant'Ana de Castro²

Lucas Gamonal Barra de Almeida³

Resumo:

Com um número cada vez maior de viagens ocorrendo ao mesmo tempo em todo o globo, temos um maior número de encontros entre estranhos. Esses encontros geram impactos que, por sua vez, podem se revelar positivos ou negativos. O trabalho aqui apresentado tem como objetivo compreender os paradoxos que envolvem o termo sustentabilidade e o conceito de cultura, para assim entender como a sustentabilidade cultural pode ser discutida nos encontros turísticos. Para isso, a revisão bibliográfica utilizada trata dos conceitos de cultura e poder enquanto processos – indo de encontro àqueles que os definem como objetos – e aborda, ainda, algumas diferentes tipologias de turistas (de massa, mochileiros e intercambistas), refletindo sobre como cada um deles pode se aproximar da máxima de encontros equilibrados, ou seja, sustentáveis. O turismo de massa nos levanta a questão de um turismo que reduz as trocas culturais nos encontros, consequência direta deste tipo de viajante psicocêntrico. A categoria dos viajantes “alocêntricos” é interpretada ao final da discussão como a que gera encontros mais sustentáveis, pois esboçam um equilíbrio entre as culturas tratadas, mesmo que este seja apenas temporário. Afinal, como definir um conceito puro de sustentabilidade cultural em meio às tão variadas relações envolvidas nesses encontros turísticos?

Palavras-chave: Viagens. Sustentabilidade cultural. Encontros. Relações de poder. Categorias de viajantes.

CULTURAL SUSTAINABILITY: A REFLECTION ON THE EXISTING PARADOX IN TOURIST ENCOUNTERS

Abstract:

With an increasing number of trips occurring simultaneously around the globe, we have a greater number of encounters between strangers. These meetings generate impacts which may prove to be positive or negative. The work presented here aims to understand the paradoxes that surround the term sustainability and the concept of culture, in order to understand how cultural sustainability can be discussed at tourism meetings. For this, in the bibliographic review we use the concepts of culture and power as processes, going against those who define them as objects, and also addresses some different types of tourists (mass, backpackers and exchange students), reflecting on how each one can approach the maximum balanced encounters, i.e. sustainable. The mass tourism raises the question of tourism that reduces the cultural exchanges at meetings, a direct consequence of this type of traveler. The “allocentric” category of travelers is interpreted in the end of the discussion as the one that generates more sustainable encounters because it outlines a balance between the involved cultures, even though this is only temporary. After all, how to define a pure concept of cultural sustainability in the midst of such varied tourist relations involved in these encounters?

Keywords: Travel. Cultural Sustainability. Encounters. Power relations. Categories of travelers.

¹ Trabalho apresentado no GT 2 – “Sustentabilidade Cultural no Turismo e Lazer” do V Fórum Internacional de Turismo do Iguazu, realizado entre os dias 16 e 17 de junho de 2011, no VI Festival de Turismo das Cataratas do Iguazu, em Foz do Iguazu – Paraná.

² Bolsista do Grupo de Educação Tutorial - Turismo/UFJF. Graduando em Turismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: thothogomes@gmail.com.

³ Bolsista do Grupo de Educação Tutorial - Turismo/UFJF. Graduando em Turismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: lucasgamonal@hotmail.com.

SOSTENIBILIDAD CULTURAL: UNA REFLEXIÓN SOBRE LA PARADOJA EN LOS ENCUENTROS TURÍSTICOS

Resumen:

Con el aumento de viajes ocurriendo al mismo tiempo alrededor del mundo, crece también el número de encuentros entre desconocidos. Esos encuentros generan impactos que, a la vez, se pueden revelar positivos o negativos. Este trabajo tiene el objetivo de comprender los paradojos que rodean el término sostenibilidad y el concepto de cultura, para que se pueda entender como la sostenibilidad cultural puede ser discutida en los encuentros turísticos. Para eso, la revisión bibliográfica utilizada trata de los conceptos de cultura y poder como procesos – que va en contra a aquellos que los definen como objetos – y aborda algunas distintas tipologías de turistas (de masa, exploradores y estudiantes), reflexionando sobre como cada uno de ellos se puede aproximar de la máxima de encuentros sostenibles. El turismo de masa nos trae la cuestión de un turismo que reduce los cambios culturales en los encuentros, consecuencia directa de este tipo de viajante sicocéntrico. La categoría de los viajeros “alocéntricos” es interpretada al final de la discusión como la que genera encuentros más sostenibles, pues esbozan un equilibrio entre las culturas tratadas, aún que sea solamente temporal. Al final, ¿como definir um concepto puro de sostenibilidad cultural en medio a las tan variadas relaciones envueltas en esos encuentros turísticos?

Palabras-clave: Viajes. Sostenibilidad cultural. Encuentros. Relaciones de poder. Categorías de los viajeros.

1 INTRODUÇÃO

Abarcando uma noção do turismo enquanto fenômeno social e causador de transformações socioculturais, ligadas aos mais variados ambientes, serão aqui abordadas as viagens e seus encontros – com um recorte e ilustração abordando o turismo de massa, as viagens de intercâmbio e de *mochilão*. Tais encontros podem ser causadores de diversas reflexões e alterações, a partir das trocas que ocorrem na tríade: “visitante”, “anfitrião” e o “meio” que o recebe.

Interpretando a compatibilidade dos termos cultura e sustentabilidade, tem-se que a posterior discussão sobre os termos viagens, cultura e sustentabilidade é de legítima importância, pois, na modernidade, em uma sociedade cada vez mais capitalista e plural, tais termos se misturam, dialogando entre si, muitas vezes paradoxalmente.

Além disso, o enfoque da sustentabilidade cultural sob distintos tipos de viajantes é o que pode gerar relevantes análises e, também, aquecer questões

de reflexão na academia. Quais as singularidades de cada segmento de viagem a partir dos encontros? O que se dá no momento em que ocorrem? Logo, nossas ideias irão girar em torno do principal objetivo deste estudo: compreender os paradoxos presentes no termo sustentabilidade e no conceito de cultura para, dessa forma, entender como a sustentabilidade cultural relaciona-se com os encontros turísticos. A discussão presente neste artigo será embasada nas principais referências bibliográficas que permeiam os pontos abordados no trabalho. Podemos destacar autores que representarão uma forte base teórica nos próximos momentos, como John Urry (2001), Zygmunt Bauman (2005), Kathryn Woodward (2000) e outros.

É possível estabelecer um conceito claro de sustentabilidade cultural se entendermos que a cultura é um processo embasado em relações de poder? Não existiria um paradoxo entre os conceitos de sustentabilidade e o de cultura enquanto processo? Trataremos desta forma a sustentabilidade sob a ótica do processo das trocas culturais entre os encontros de intercambistas e mochileiros, que ocorrem ao longo de suas peripécias turísticas. Para tanto, partiremos da premissa de que a sustentabilidade cultural não está ou não se encontra nos objetos e sujeitos sociais, mas sim nas relações que estes desenvolvem entre si.

2 VIAGENS E ENCONTROS NA CONTEMPORANEIDADE:

A TRÍADE VISITANTE-ANFITRIÃO-MEIO

As viagens, no mundo moderno, são de extrema importância para a economia mundial, porém é um erro analisar esse fenômeno social de grandes transformações apenas sob o enfoque mercadológico, tido como vetor de crescimento econômico de uma localidade. As viagens, sendo mais que simples deslocamentos de pessoas, acarretam encontros em que, naturalmente, culturas dialogam. Nesse âmbito de encontros, surge a ideia de receber o outro e estabelecer trocas:

A partir de uma perspectiva da prática, o turismo é um encontro. Um encontro entre pessoas, pessoas e espaço, no meio de pessoas, corporal e, de certo modo, que engendra expectativas, desejos, contextos e representações, imaginação e sentimento (CROUCH, 2004, p. 117).

Com o processo da globalização, as distâncias vêm sendo “diminuídas” e, com isso, as viagens cada vez mais facilitadas. Os grandes empreendimentos

que formam a cadeia produtiva da atividade turística, como as companhias aéreas, indústrias hoteleiras e as operadoras e agências de viagem, têm permitido que um maior número de pessoas consiga realizar suas viagens, principalmente as internacionais, antes tidas como um privilégio de poucos.

A tabela abaixo, do Ministério do Turismo, descreve o crescimento e a atual proporção desses deslocamentos contemporâneos, como também os números de chegadas de turistas no mundo, América do Sul e Brasil.

A interpretação das informações acima não se limita à caracterização e detalhamento do aumento do número de chegadas de turistas com o passar do tempo, mas tem fundamental importância por mostrar quão expressivos esses números são. O maior número

de deslocamentos gera um maior número de encontros entre “desconhecidos” em terras estrangeiras, que podem, por sua vez, ser positivos ou negativos.

A dinâmica desses encontros pode gerar situações de desconforto e até mesmo conflitos entre os envolvidos. Cada ator desse processo possui suas motivações, desejos e experiências, que podem caminhar alinhados, de forma que cada um deles possa ter esses desejos e expectativas sanados, ou sanados em parte, assim como podem ser colocados em oposição, deixando clara a relação intrínseca de poder que os permeia. Tais viajantes são meros números quantificáveis em uma tabela, ou são pessoas, indivíduos desconhecidos, cada um com um olhar diferente e com sua singularidade na hora do encontro?

I – TURISMO NO MUNDO						
Fluxo receptivo internacional						
1.2 – Chegadas de turistas internacionais: Mundo, América do Sul e Brasil – 1999 – 2009						
Ano	Turistas (milhões de chegadas)					
	Mundo		América do Sul		Brasil	
	Total	Variação anual (%)	Total	Variação anual (%)	Total	Variação anual (%)
1999	650,2	-	15,1	-	5,1	-
2000	689,2	6,00	15,2	0,66	5,3	4,03
2001	688,5	(0,10)	14,6	(3,95)	4,8	(10,16)
2002	708,9	2,96	12,7	(13,01)	3,8	(20,70)
2003	696,6	(1,74)	13,7	7,87	4,1	9,19
2004	765,5	9,89	16,2	18,40	4,8	15,99
2005	801,6	4,72	18,3	12,82	5,4	11,76
2006	846,0	5,54	18,8	2,73	5,0	(6,36)
2007	900,5	6,44	20,1	6,91	5,0	0,18
2008	919,0	2,05	20,8	3,48	5,1	0,48
2009	880,5	(4,19)	20,5	(1,44)	4,8	(4,91)

Fonte: Organização Mundial do Turismo – OMT (adaptado).

Notas: 1. Dados de 2005 a 2008 revisados.
Dados de 2009 estimados.

Tabela 1 - O crescimento brasileiro e mundial do setor de viagens a partir das chegadas de turistas internacionais, entre os anos de 1999 e de 2009.

Fonte: Ministério do Turismo¹.

¹ MINISTÉRIO DO TURISMO. Dados e Fatos. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/estatisticas_indicadores/estatisticas_basicas_turismo/>. Acesso em 30 mar. 2011.

A ideia de encontrar um estranho e recebê-lo de forma efetiva, sem nuances de preconceitos ou de negação social em seu espaço, não é tarefa fácil, considerando as realidades referentes aos tipos de relações existentes na sociedade atual e como é complicado seu processo de construção. Indo ao encontro dessa ideia, Zygmunt Bauman (2005, p. 127) afirma que não falar com estranhos se tornou quase uma regra na sociedade em que hoje se vive:

“Não fale com estranhos” – outrora uma advertência de pais zelosos a seus pobres filhos – tornou-se o preceito estratégico da normalidade adulta. Esse preceito reafirma como regra de prudência a realidade de uma vida em que os estranhos são pessoas com quem nos recusamos a falar.

Essa dinâmica de distanciamento do anfitrião com relação ao visitante, ou mesmo entre visitantes, faz com que os encontros se tornem tensos e desconfortáveis, podendo gerar, dessa forma, desequilíbrios e relações de poder entre eles, pois é natural que uma cultura acabe se sobrepondo à outra.

As relações de poder estão intrínsecas no ser humano quando este se vê diante de uma situação que envolva o diferente, o estranho, o medo. Impor sua opinião, hábito ou modo, geralmente visto como uma normalidade para a sua cultura, é uma forma de manter-se ileso a danos que o contato com o outro pode acarretar – “como diz Georges Benko: há Outros que são mais Outros que os Outros, os estrangeiros. Excluir pessoas como estrangeiras porque não somos mais capazes de conceber o Outro indica patologia social” (BAUMAN, 2005, p. 127). Essa realidade está cada vez mais comum, tomando-se como pressuposto que o contato entre estrangeiros de culturas diferentes está cada vez mais intenso na sociedade atual.

As características das viagens são as mais diversas e, dependendo de algumas delas, o contato com o outro e, conseqüentemente, com outra realidade cultural é mais ou menos intenso. McKercher e Lew (2004) afirmam que as pessoas que viajam por prazer provavelmente vão muito mais àquela viagem para explorar o destino, e aquelas que viajam a negócios, um tipo de viagem bem mais contida e com menores chances de trocas culturais, vivem outra realidade em seu deslocamento.

Nessa questão também se pode destacar os grandes grupos de excursionistas, que cada vez mais ilustram as estatísticas dos aumentos de fluxos turísticos ao redor do mundo. Seja pela facilidade de pagamento ou por preços cada vez mais acessíveis em decorrência

do grande número de pessoas viajando juntas para um mesmo destino, essa categoria de viajantes é muitas vezes interpretada como um turismo de massa sem credibilidade, ou que possui menos importância que os outros modos de viagens. Pois qual turista não quer ter segurança fora de seu espaço de conforto doméstico? Seria a língua estrangeira a mais segura para estabelecer comunicação num momento de angústia e reação ao diverso? Estar sozinho com pessoas de outra cultura é mais confortável do que estar em um grupo culturalmente íntimo?

Todavia, desde já, vale pensarmos que o aumento das viagens acarreta mais intensidade nas interações entre os viajantes, os moradores e o meio, o que poderá culminar em impactos ambientais, econômicos e culturais.

Com relação aos possíveis impactos gerados, realizaremos um recorte sobre os impactos culturais, foco desse trabalho. Tendo em vista a relação de poder existente entre os indivíduos que compõem a dinâmica desses encontros e as noções de hospitalidade, conforto e adequação que a permeiam, temos que dificilmente essas relações se darão em harmonia. Daí surge o paradoxo apresentado como eixo central da discussão aqui proposta: podemos definir um conceito de *sustentabilidade cultural* em meio ao cenário descrito de desequilíbrios, desconfortos e dominação?

3 CULTURA, PODER E SUSTENTABILIDADE

Segundo Woodward (2000), uma das discussões mais polêmicas sobre a cultura é a tensão que se dá entre as suas diferentes abordagens: essencialista (cultura que não muda, objetivada) e não essencialista (cultura enquanto um processo dinâmico). A primeira sendo uma “verdade” fixa e a segunda sendo tratada como uma via plural, dotada de transformações.

Antigamente se via a cultura como um objeto que poderia ser caracterizador de um povo. Dessa forma, pode-se ter ou não ter a cultura, perdê-la ou não. Interpretar a cultura como um objeto é pensar que quando um brasileiro se envolve com a “cultura norte-americana”, indo a uma loja do McDonald’s, está perdendo sua cultura brasileira por estar diante de costumes diferentes. Porém, se analisarmos a cultura enquanto processo, podemos interpretar esse exemplo como uma tradução (hibridização) entre as culturas tratadas. Se o McDonald’s juntar em um sanduíche alimentos tipicamente brasileiros à sua receita tradicional, podemos dizer que não houve uma perda cultural, mas sim o surgimento de uma terceira

via cultural. Ambas não saíram perdendo, porém os jogos de poder nessa relação são evidentes. A cultura é, portanto, resultado de forças hegemônicas e forças de resistência. Nesse embate surge uma negociação que é a cultura enquanto processo, sendo natural uma delas estar dominando a outra.

Analisando a esfera que trata a cultura enquanto um processo, podemos afirmar que as tradições de cada povo podem sofrer alterações, pois, tratando de um processo, é natural que ocorram transformações. A cultura é processual, podendo tudo ser inventado, modificado e recriado. Uma pessoa não nasce sendo de uma cultura específica, mas ao longo de seu processo de criação e construção humana vai adquirindo características próprias daquela cultura em que está inserida. Tal indivíduo poderia mudar de nação e começar a absorver novos hábitos, que naturalmente modificariam sua cultura, não sendo mudanças positivas nem negativas, mas sim singulares àquela situação. A cultura sob a ótica de um processo se transforma, e não se perde: “cultura, no sentido mais amplo, é o comportamento cultivado, isto é, a totalidade da experiência adquirida e acumulada pelo homem e transmitida socialmente, ou ainda, o comportamento adquirido por aprendizado social” (KEESING, 1958, p.49).

Confrontando as duas visões acima descritas, temos que a cultura como processo flui e é a que melhor caracteriza os fluxos e encontros dos indivíduos, uma vez que, nessas dinâmicas, inúmeras transformações podem vir a ocorrer para os envolvidos. Na sociedade contemporânea, a cultura é algo tão sem fronteiras, mutável e sensível, que caracterizá-la como objeto é atitude passível de erros, pois as alterações tidas como perdas, na verdade, são consequências inerentes ao contato entre elas.

Se mesmo as tradições mais antigas de cada povo um dia foram criadas e sofreram transformações ao longo do tempo, por que não acreditar que a cultura seja um processo que caminha de maneira espontânea e opulenta, em adequação às realidades do momento em que vivemos?

A grande interação entre os viajantes, a comunidade receptora e seu meio trazem consigo uma série de impactos e uma forte dinâmica de poder. Essa dinâmica de poder intrínseca ao processo se expressa nas mais variadas situações e momentos, como com relação à necessidade que uma localidade passa a ter dos dispêndios gerados por seus visitantes, sobre a fragilidade que o turista possui frente ao idioma desconhecido ou mesmo com relação à dominação de hábitos que não façam parte da cultura do visitante.

Estabeleceremos abaixo uma comparação clara que trata o poder sob a ótica de sua detenção, ou seja, sobre a existência de polos onde o poder está

institucionalizado, e outra abordagem que coloca o poder como algo não concretizado. Canetti (1983, p. 313) nos dá a interpretação do poder de forma substantivada, ora estando nas mãos de um, ora nas mãos de outro.

O rato, uma vez caçado, encontra-se sob o regime de força do gato; este o agarrou, o mantém preso, sua intenção é matá-lo. Mas, assim que ele começa a *brincar* com o rato, acrescenta algo novo ao relacionamento. Solta-o e permite que ele corra um pouco. Assim que o rato se vira e corre, escapa do regime de força. Mas está em *poder* do gato fazer com que ele retorne. Se o gato permite que o rato se vá definitivamente, este é excluído de sua esfera de poder. Até o ponto em que o rato pode ser alcançado com toda a certeza, ele permanece em poder do gato. O espaço que o controla, os momentos de esperança que ele concede ao rato vigiando-o atentamente sem perder o interesse por ele e sua destruição, tudo isto reunido – espaço, esperança, vigilância e interesse destrutivo – poderia ser designado como o corpo propriamente dito do poder ou, simplesmente, como o próprio poder (CANETTI, 1983, p.313).

Em oposição a esta ideia do poder enquanto objeto – cuja detenção está nas mãos de algumas pessoas (enquanto outras não teriam “o” poder) –, é apresentada a visão de Michel Foucault (1979), que analisa esse elemento como processo inerente às relações e que não se dá de maneira concretizada, mas permeando-as.

O interessante da análise é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras. Daí a importante e polêmica ideia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele aleijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. [...] Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. [...] Foucault rejeita, portanto, uma concepção do poder inspirada pelo modelo econômico, que o considera como uma mercadoria. (MACHADO, 1979, p. 14).

Contraopondo as visões acima descritas, tendemos a acompanhar o modelo *foucaultiano*, que permite analisar o poder como um processo e não como objeto. Na visão de Canetti (1983), a relação de poder exemplificada entre os animais aparece enrijecida, sem considerar que ao fazer com que o gato o persiga, o rato também está exercendo uma força sobre ele, ainda que seja de resistência. Não afirmamos, portanto, que exista uma esfera fixa de poder, que pode ser obtida, ganhada ou perdida, mas sim uma esfera flexível, que domina as relações, podendo se dividir em diferentes pesos.

A relação de poder que flui entre os indivíduos interfere decisivamente em como se darão as dinâmicas entre as culturas. Aqueles que possuem uma força de dominação naturalmente tentam se impor àqueles que realizam resistência. O resultado dessa relação se dará sempre em desequilíbrio ou em um equilíbrio temporário, pois o poder e a cultura dialogam intensamente. Sendo assim, como falar em sustentabilidade cultural no cenário de hegemonias se sobrepondo às forças de resistência?

De tal modo, em oposição às discussões essencialistas do poder e da cultura, e considerando estes elementos como processos, chegamos a um paradoxo ao analisar o conceito de *sustentabilidade cultural*. Quando há referência sobre a ideia de sustentabilidade, logo se caminha aos pressupostos de consumo com parcimônia e de equilíbrio, pois está implícita a ideia de preservação. Abaixo uma definição do termo desenvolvimento sustentável (sustentabilidade) que aborda de forma bastante ampla a ideia em questão:

As preocupações com sustentabilidade vêm de meados do século passado. Mas foi a partir do Relatório Brundtland⁴ que a Organização das Nações Unidas (ONU) assumiu o debate com maior intensidade, propondo uma mobilização mundial para o desenvolvimento sustentável (DS): “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas necessidades” (HASWANI, 2008, p. 02).

O termo sustentabilidade remete a algo imutável, estável e equilibrado, que não sofre influências quaisquer. Por outro lado, e a partir da visão adotada nesse artigo, o termo cultural está vinculado ao ideal de um

processo. Vemos, pois, que existiria um paradoxo nesta terminologia: enquanto a sustentabilidade preserva e prende, a cultura deseja fluir e hibridizar.

Como considerar que tais relações que não se dão de maneira fixamente estruturadas possam obter um ponto de equilíbrio? A cultura se transforma e flui, assim como as relações de poder que as permeiam também fluem. Tendo essa noção como base, temos que a sustentabilidade cultural não está/não se encontra nos objetos e sujeitos sociais, mas sim nas relações que desenvolvem entre si, considerando de extrema importância o poder como justificativa da cultura como um processo.

Então, como resolver o paradoxo tão presente no universo das viagens e encontros contemporâneos? Antes de tudo é preciso entender que a sustentabilidade cultural flui. Logo, a discussão é que a mesma tem que fluir em equilíbrio, ainda que este seja sempre temporário e imprevisível. Dessa forma, o senso crítico (concordo/discordo, quero/não quero) e também o poder de decisão são fundamentais para efetivá-lo, o que será de extrema importância para determinar certas premissas de uma possível *sustentabilidade cultural*. Esse tão buscado equilíbrio entre as culturas é compromisso muitas vezes do indivíduo que está diretamente em confronto com a cultura oposta. O espaço para o diálogo e a troca, em geral, é de extrema importância e deve se dar despido de preconceitos, pois como já foi falado anteriormente, o que se vê hoje é um distanciamento estratégico, seja ele por proteção, medo ou egoísmo.

Swarbrooke (2000) coloca, na dimensão social, que os impactos socioculturais da atividade turística ocorrem na maioria das vezes de maneira lenta e gradual ao longo do tempo. Afirma ainda que muito se tenta proteger a cultura das comunidades locais, como se o contato com o turista e sua carga cultural fosse algo negativo. Equidade, equivalência e ética são fatores que devem ser levados em consideração na relação que se dá entre as culturas. A ideia é que, na tentativa de uma sustentabilidade, deva ocorrer determinado “comércio justo”, ou seja, ambas as partes em diálogo devem ter senso crítico e respeito para discernir o que se troca, com quem se troca e como esse intercâmbio cultural deverá se dar, para assim começar a ser ilustrado um equilíbrio entre as culturas, mas não uma efetiva sustentabilidade cultural.

Considerando que o processo de negociação entre as culturas não é neutro, uma vez que as forças hegemônicas tendem a se sobressair em relação às de resistência, e que esta hibridização, pois, gera sempre um equilíbrio temporário, uma alternativa a esse processo se dá a partir do momento em que os atores envolvidos sejam capazes de desenvolver um pensamento crítico e lhes sejam oferecidos reais condições de decisão. E é nisto

⁴ Relatório Brundtland, também chamado Nosso Futuro Comum (Our Common Future) é o documento final da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, promovida pela ONU, nos anos 1980 e chefiada pela então primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland.

que a sustentabilidade cultural deveria se preocupar: ao invés de impedir as transformações, incentivá-las de modo a privilegiar trocas responsáveis.

4 ILUSTRANDO A SUSTENTABILIDADE CULTURAL NOS ENCONTROS: TURISMO DE MASSA, INTERCAMBISTAS E MOCHILEIROS

Se o turismo possibilita encontros entre indivíduos tão variados, como podemos definir um conceito puro de sustentabilidade cultural em meio aos diversos tipos de viajantes que se relacionam com seus anfitriões e o meio que os acolhem? A maneira como as trocas culturais se dão em cada viagem é singular a cada tipo de turista e como ele viaja (o modo de viagem, suas motivações, herança cultural, etc.) Aqui estabeleceremos uma diferenciação entre as categorias de turistas para ilustrar as diferentes formas em que os encontros podem se dar. Abaixo uma classificação, baseada nos conceitos iniciais de Stanley Plog (1972), segundo McIntosh (apud IGNARRA, 2003, p. 18):

Alocêntricos: Têm motivos educacionais e culturais, políticos ou de divertimentos caros, como jogos de azar, e viajam individualmente.
Quase alocêntricos: São motivados por eventos esportivos, religiosos, profissionais e culturais.
Mediocêntricos: São motivados pela busca do descanso, quebra da rotina, aventuras sexuais e gastronômicas e tratamento de saúde.
Quase psicocêntricos: Viajam pela busca de status social.
Psicocêntricos: São motivados por campanhas publicitárias.

Tendo como foco desta discussão os turistas *alocêntricos* e *quase alocêntricos*, aqui ilustrados por intercambistas e mochileiros, e os turistas *psicocêntricos* e *quase psicocêntricos*, retratados no presente trabalho como os turistas de massa, traça-se uma diferenciação em como se dão os processos culturais e as relações de poder desses diferentes viajantes em seus encontros.

O turista de massa, realizando sua viagem em grandes grupos de pessoas vindas de um mesmo local e tendo aparatos como meios de transporte especiais, guias especializados e outros itens que lhe dão maior segurança, possui um maior conforto em seu deslocamento ao encontro do desconhecido, criando certo tipo de bolha, uma vez que ela possibilita que o turista não se sinta impotente frente ao idioma desconhecido e não possua a necessidade de se relacionar diretamente com os anfitriões para que realize suas atividades.

Isolado de um ambiente acolhedor e das pessoas locais, o turismo de massa promove viagens em grupos guiados e seus participantes encontram prazer em atrações inventadas com pouca autenticidade, gozam com crueldade de “pseudoacontecimentos” e não levam em consideração o mundo “real” em torno deles (URRY, 2001, p. 23).

Como argumenta John Urry (2001), esse distanciamento do turista de massa com relação à comunidade local que o está recebendo também acarreta em um distanciamento da realidade do local visitado, uma vez que permanecem em meio ao seu próprio contexto. Os turistas de massa, então, realizam uma contemplação do meio de maneira extremamente superficial (queiram eles ou não) e sua interação com seu anfitrião torna-se mínima, quando existente.

Indo em direção oposta, o ato de viajar sozinho e toda essa margem difusa que se dá nessa categoria de viagem, dá o tempero à ação, coloca os viajantes em condição mais próxima ao seu interlocutor cultural. A incerteza presente nessas viagens nunca é um possível tipo de cegueira, mas sim uma porta a mais que pode ser aberta nos encontros. Quando está sozinho o turista não tem vínculos e tem maiores chances de obter percepções mais intensas.

[...] os novos tipos de turistas como aqueles que focam o viajar envolvendo o desfrutar do ambiente natural, respeitando ao mesmo tempo a integridade das comunidades locais. Menores em número do que o mercado de férias de massa, os novos turistas são mais desejados, porque alegadamente são mais perspicazes. Eles procuram a autenticidade, a novidade, a espontaneidade e a aventura e têm interesse em aprender sobre o ambiente natural e novas culturas (POON, 1993, *apud* HUGHES *in* LEW, 2004, p. 559).

Sendo assim, os turistas *alocêntrico* e *quase alocêntrico* têm sua zona de conforto bastante diminuída quando comparado aos turistas *psicocêntrico* e *quase psicocêntrico*, porém possuem um contato muito maior com seu anfitrião e o meio que o está recebendo. As possibilidades de que os processos culturais fluam naturalmente, e de que as relações de poder se deem de maneira equilibrada se tornam maiores, pois ambas as partes terão naquele encontro uma diferente carga de sensibilidade, autoconhecimento e busca pelo processo espontâneo e singular de construção de sua viagem.

Os sujeitos que realizam as viagens de intercâmbio e *mochilão* assim podem ser vistos, pois ao realizarem suas viagens individuais ou em pequenos grupos, buscam se integrar à comunidade receptora e a ela criar laços, mesmo que sejam temporários. Porém, cada um possui uma singularidade que refere à sua permanência na localidade. O intercambista, ficando mais tempo no local, tende a negociar com mais intensidade as culturas em questão, enquanto o mochileiro, passando pelos locais em um tempo reduzido e visitando um maior número de localidades, se depara com um maior número de aspectos culturais e de pontos de vista. Para os primeiros, temos a concentração espaço-cultural, no segundo, a dispersão.

Os intercambistas e mochileiros buscam a maior aproximação possível, ainda que para isso tenham que lidar com medos e inseguranças. O que apontamos aqui é que o turista de massa carrega consigo, involuntariamente, um corpo social, ou seja, um olhar do cotidiano que o controla e o prende em termos de comportamento e vivência no local. Esse chamado corpo social muitas vezes não está tão vinculado às viagens realizadas de forma independente ou em pequenos grupos, o que possibilita ao turista uma maior abertura para a interação com o outro. O turista desse tipo de viagem pode também não estar totalmente destituído do referido corpo social, porém é mais leve, pois está viajando em um grupo menor e, assim, há um maior grau de intimidade entre eles, ou muitas vezes viaja só.

Desta forma, não se pode também afirmar que esse tipo de viagem alocêntrica (de mochileiros e intercambistas, por exemplo) seja superior aos demais, como o turismo de massa. Mesmo sendo um mochileiro ou intercambista, ambos também possuem certo aparato que lhes oferece uma zona de conforto em seus destinos. Seja o intercambista no seu local de moradia, nas famílias em que estão inseridos na outra localidade, ou até mesmo na convivência com grupos de amigos da mesma nacionalidade. Ou o mochileiro com a sua companhia de viagem que naturalmente interfere na sua relação com o desconhecido. O turismo de massa, mesmo sendo considerado de menor *status* e aquele que minimiza o contato entre as culturas, gera oportunidades e viabiliza a ocorrência de um maior número de viagens, que não poderiam ser realizadas senão por este processo de viajar. Assim, entre o não conhecer e o ver de longe, o turismo de massa ainda é uma alternativa para que a aproximação entre desconhecidos se popularize (ainda que este contato esteja reduzido nesta categoria de turismo, o seu benefício está na democratização das viagens e do acesso – mesmo restrito – ao outro).

Em suma, com a noção de que as viagens realizadas pelos turistas *alocêntricos* e *quase alocêntricos*, por permitirem que as dinâmicas culturais e as relações de poder aconteçam com maior fluidez e de maneira menos tensa, defendemos que os encontros desses com os anfitriões e o meio sejam os mais sustentáveis, ao alcançar um equilíbrio entre as culturas tratadas, mesmo que este seja apenas temporário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos no aumento do número de deslocamentos, que traz consigo inúmeros impactos, a base desencadeadora das reflexões aqui propostas. Os encontros de indivíduos com tão diferentes bagagens e motivações podem acarretar situações tensas e conflitos, pois o poder que permeia essas relações e os diálogos entre as culturas não se dão de forma equilibrada. A cultura e o poder enquanto processos fluem e, nesse fluxo, geram as tentativas de dominação e as reações de resistência.

É a partir dessa ideia que o paradoxo dessa relação nos é apresentado. Como definir um conceito de sustentabilidade cultural a partir do cenário de tensões e desequilíbrios existente? Ao final da pesquisa percebe-se que relacionar os termos sustentabilidade, cultura e poder passa a ser tarefa complexa, pois pressupostos da sustentabilidade indicam as noções de preservação e equilíbrio, noções que não se enquadram aos encontros entre estranhos, de maneira geral.

Sendo assim, uma resolução ao paradoxo apresentado está no senso crítico e em conceder reais condições de decisão aos indivíduos, o que pode permitir uma maior sensibilidade para se analisar os cenários e ponderar quais aspectos culturais podem enriquecer a experiência de viagem vivida e até que ponto pode chegar a abertura aos novos mundos apresentados, e em contrapartida, até onde pode se deixar o visitante entrar em seu meio ou de que forma e com qual intensidade se deve incluí-lo. Um conceito de sustentabilidade cultural pode existir, então, quando essas relações entre a tríade *visitante-anfitrião-meio* se aproximem de um equilíbrio, ainda que temporário.

Sendo assim, neste trabalho, optamos por analisar o papel dos visitantes que compõem a “tríade da sustentabilidade cultural e turística”. Futuramente, novos estudos poderão ser realizados para pensar o papel dos anfitriões e do meio neste processo. Ao analisarmos os visitantes, descobrimos duas categorias: os psicocêntricos e os alocêntricos. Como expressões do primeiro grupo, temos os turistas de massa e, para o segundo, pautamos nossas análises sobre os turistas de intercâmbio e

mochileiros. Não defendemos uma melhor categoria de viajantes, e sim apresentamos uma discussão que abordou o processo de troca cultural entre os envolvidos nos encontros turísticos com suas respectivas diferenças, naturais quando se estabelece determinada comparação.

No turismo de massa apresentamos a ideia de “encontros mais superficiais”, inerentes ao grande crescimento desse tipo de viagem na modernidade. Em contrapartida, os mochileiros, geralmente viajando em menor grupo ou até mesmo sozinhos, na falta ou menor presença de um corpo social que lhes coloca certa regra em seu olhar perante o outro, têm a chance de desenvolver encontros um pouco menos pontuais. Já os intercambistas se lançam em um profundo contato com a outra cultura em que estão inseridos e estabelecem, no convívio, maiores aberturas para o diálogo e para a construção de uma terceira via cultural onde ambas as culturas - enquanto processo - se misturam e tentam gerar um equilíbrio.

Nossa conclusão para a problemática dessa investigação é que a sustentabilidade não pode ser interpretada como um objeto, pois é um processo que sofre diversas influências. Tratando da sustentabilidade entre culturas, a complexidade é ainda maior, pois se abre espaço para as trocas de poder (hegemonia e resistência), forte diálogo entre identidades e, naturalmente, a troca entre elas. Essa troca deve ser entendida como um rico e dinâmico processo, que deve ser permeado pelo senso crítico, respeito e condição de igualdade de decisão perante o outro. Torna-se difícil abordar o termo sustentabilidade cultural de uma maneira efetiva, porém se pensarmos em formas de se obter um equilíbrio entre as culturas, um grande passo poderá ser dado frente a essa dificuldade e posteriores discussões sobre a sustentabilidade cultural serão ainda mais enriquecidas.

AGRADECIMENTO

Em especial, gostaríamos de agradecer imensamente a orientação do professor Humberto Fois Braga, tanto em nossas atividades no Grupo de Educação Tutorial do curso de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, quanto para a elaboração desse trabalho.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANETTI, E. *Massa e poder*. (Tradução de Rodolfo Krestan). São Paulo: Melhoramentos; [Brasília]: Ed. Universidade de Brasília, 1983.

CROUCH, D. Práticas e resultados turísticos. In: LEW, Alan A., HALL, C. Michael, WILLIAMNS, Allan M. (Org.). *Compêndio de turismo*. Lisboa, Portugal: Coleção Ciência e Técnica, Instituto Piaget, 2004.

HASWANI, M. *A comunicação do Estado democrático de direito na mobilização para a sustentabilidade*. Disponível em http://www.abrapcorp.org.br/anais2008/gt6_furlan.pdf. Acesso em 14 de Abril de 2011.

HUGUES, G. Turismo, sustentabilidade e teoria social. In: LEW, A. A., HALL, C. M., WILLIAMNS, A. M. (Org.). *Compêndio de turismo*. Lisboa, Portugal: Coleção Ciência e Técnica, Instituto Piaget, 2004.

IGNARRA, L. R. *Fundamentos do turismo*. (2ª. ed. rev. e ampl.) São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

KEESING, F. M. *Antropologia Cultural: a ciência dos costumes*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura. Rio de Janeiro, 1961.

MACHADO, R. Por uma genealogia do poder [Introdução]. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MCKERCHER, B.; LEW, A. A. Correntes turísticas e distribuição espacial de turistas. In: LEW, A. A., HALL, C. M., WILLIAMNS, A. M. (Org.). *Compêndio de turismo*. Lisboa, Portugal: Coleção Ciência e Técnica, Instituto Piaget, 2004.

SWARBROOKE, J. *Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental*, vol.1 / (tradução Margarete Dias Pulido). São Paulo: Aleph, 2000.

URRY, J. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

Recebido em 18 de abril de 2012.

Aprovado, em sua versão final em 06 de junho de 2012.

Artigo avaliado anonimamente por pares.